

## RESUMO

Prof. Dr. Jens Baumgarten

Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

### Anacronismo e alteridade na arte colonial

A apresentação pretende analisar questões de anacronismo e alteridade discutidas por Alexander Nagel e Christopher Wood. Eles apresentam um novo modelo de “anacronismo”. Partindo do exemplo de Santo Augustino de Carpaccio eles avaliam os diversos artefatos “citados” pelo pintor como traços de diferentes momentos históricos, os quais os autores por sua parte interpretam como uma teoria performativa de procedência destes artefatos. Segundo esta teoria cada objeto é um produto de uma performance histórica singular. Toda repetição seguinte desta “performance”, por exemplo em forma de cópia, torna-se adventícia em face à cena criada originariamente.

No exemplo escolhido as diferentes temporalidades em um sistema de citações anacrônicas seriam postas em cena e dramatizadas. Na opinião de Nagel e Wood todos os artefatos teriam em uma época pré-moderna uma historicidade dupla: Poderia-se saber que eles haviam sido produzidos no presente ou no passado recente e ao mesmo tempo valorizá-los como se fossem objetos antigos. Isto não é interpretado pelos autores como ingenuidade, mas ao contrário, visto como ignorância da pesquisa da história da arte ante a forma de pensamento pré-moderno e moderno.

Imagens e todo tipo de artefato foram compreendidos como sinal ou símbolo de tipos; tipos estes que por seu turno estavam associados a origens míticas e que reforçavam uma continuidade estrutural e categorial sobre uma sequência de sinais. Classes e artefatos foram assim unidos por réplicas substituíveis, as quais expandiam-se tanto no tempo como no espaço. Sob este aspecto da “Substituição” foram executadas cópias modernas de ícones pintados e compreendidas como sucedâneos efetivos de originais extraviados. As circunstâncias exatas de sua origem e de seu momento histórico não eram necessariamente de grande importância no que se refere a seu significado e sua função e eram vistas antes como acidentais a constituintes.

Em um segundo passo essas reflexões são extrapoladas para a arte colonial no Brasil. Gostaria de analisar além de pinturas do convento franciscano em João Pessoa artefatos asiáticos circulando no Brasil colonial.